



Venezuela em transe



Perseguição EM ALTO-MAR

Forças especiais dos Estados Unidos invadem petroleiro de bandeira russa no Atlântico Norte. Um segundo navio é abordado perto da costa venezuelana. Casa Branca anuncia que pretende comandar a comercialização do petróleo de Caracas de forma "indefinida"

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois da captura de Nicolás Maduro, no último sábado, os Estados Unidos intensificaram a pressão sobre o regime chavista e abriram caminho para o controle do petróleo venezuelano. Dois petroleiros ligados a negócios com Caracas e sancionados por Washington foram abordados em alto-mar. Um deles, que levava a bandeira da Rússia, chegou a ser invadido por forças especiais dos Estados Unidos no Atlântico Norte, na costa da Islândia.

A interceptação foi o desfecho de duas semanas de perseguição e acirrou os ânimos entre Washington e Moscou. A Rússia enviou um submarino para escoltar o petroleiro Marinera, cujo nome original era MV Bella 1, aparentemente sem sucesso. A Casa Branca anunciou que a embarcação era "apátrida" e apresentava uma "bandeira falsa". O petroleiro teria mudado de nome e de bandeira. No entanto, o Kremlin acusou os Estados Unidos de violarem o direito marítimo e alertou para a falta de "jurisdição para o uso da força". Os EUA também conseguiram irritar a China, que comprava a maior parte do petróleo venezuelano. Pequim demonstrou irritação com o bloqueio e as operações marítimas.

O bloqueio ao petróleo venezuelano sancionado e ilícito continua em pleno vigor — em qualquer parte do mundo", declarou o secretário da Guerra dos EUA, Pete Hegseth. O Reino Unido confirmou que ajudou os Estados Unidos na operação de captura do Marinera (MV Bella 1). O navio estava sob sanções desde 2014 por supostos vínculos com o movimento xiita libanês Hezbollah e o Irã e seguia para a Venezuela. Enquanto fugia de embarcações militares dos EUA no Caribe, mudou de rumo e ganhou o nome Marinera.

Os Estados Unidos começaram a bloquear o petróleo venezuelano em dezembro, em um gesto visto pela Venezuela como "interferência" e "ato de pirataria". "Os norte-americanos estão fazendo valer o controle sobre o território venezuelano. Existem sanções que impedem a exportação e a compra de petróleo da Venezuela. Os petroleiros insistiam em burlar esse tipo de restrições. O presidente Donald Trump pretende, com essas operações, mostrar que não é uma boa ideia se opor às decisões de Washington", disse ao *Correio* José Vicente Carrasco Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (USB), em Caracas.

Depois do governo Trump anunciar que comandará a comercialização da commodity de forma "indefinida", Caracas admitiu que negocia com Washington "a venda de volumes de petróleo". "Está em curso uma negociação com os Estados Unidos para a venda de volumes de petróleo, no âmbito das relações comerciais que existem entre ambos os países", afirmou, em comunicado oficial, a estatal Petróleos de Venezuela (PDVSA). "Esse processo se desenvolve sob esquemas semelhantes aos vigentes com empresas internacionais."

A empresa mantém acordos de extração e venda de petróleo com a



O petroleiro MV Bella 1, de bandeira russa, após ser interceptado e invadido por soldados norte-americanos, no Atlântico Norte, perto da Islândia



O bloqueio ao petróleo venezuelano sancionado e ilícito continua em pleno vigor — em qualquer parte do mundo"

Pete Hegseth, secretário da Guerra dos EUA

Cotações em queda

As cotações do petróleo retrocederam ante os anúncios sobre o futuro da exploração das reservas de hidrocarbonetos da Venezuela. O preço do barril de tipo Brent, negociado em Londres para entrega em março, caiu 1,22%, para US\$ 59,96. O equivalente no mercado americano, o barril de tipo West Texas Intermediate (WTI), recuou 2%, para US\$ 55,99. A perspectiva de aumentar a quantidade de barris em um mercado de oferta excedente reduziu os preços.

multinacional americana Chevron. A Venezuela possui reservas de petróleo estimadas em 303 bilhões de barris — em cifras, o "ouro negro" venezuelano pode custar cerca de US\$ 18,4 trilhões (ou R\$ 99,1 trilhões).

Negócios

A porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, divulgou que, amanhã, Trump se reunirá com os CEOs das companhias petrolíferas americanas para debater as chances de negócios na Venezuela. "A reunião será na



sexta-feira (amanhã) e é apenas para discutir, obviamente, a imensa oportunidade que se apresenta a essas empresas petrolíferas neste momento", disse Leavitt. A Casa Branca exigiu que Delcy Rodríguez, presidente interina da Venezuela, libere o acesso completo à exploração das reservas do país. Mais cedo, Chris Wright, secretário de Energia do governo Trump, tinha dito que os EUA controlariam as vendas de petróleo venezuelano "indefinidamente".

O presidente americano

anunciou que a Venezuela compreará somente produtos fabricados nos Estados Unidos com o dinheiro obtido da venda de petróleo supervisionada por Washington. "Acabo de ser informado de que a Venezuela vai comprar, única e exclusivamente, produtos fabricados nos Estados Unidos com o dinheiro que receber de nosso novo acordo petrolífero",

publicou Trump em sua rede Truth Social. "Essas compras incluirão, entre outras coisas, produtos agrícolas americanos e medicamentos, dispositivos médicos e equipamentos

fabricados nos EUA para melhorar a rede elétrica e as instalações energéticas da Venezuela."

"O petróleo é, praticamente, o único motor que a Venezuela possui neste momento para seguir adiante. O fato de Caracas receber a ajuda dos EUA, em termos de investimentos e desenvolvimento em uma indústria praticamente morta, é uma notícia boa", afirmou Aumaitre. De acordo com ele, os EUA não precisam do petróleo venezuelano. "Mas é certo dizer que o petróleo muda a geopolítica da região,

303 bilhões

Total de barris de petróleo que compõem as reservas da Venezuela — R\$ 99,1 trilhões em valor estimado.

50 milhões

Número de barris que o governo interino venezuelano pretende fornecer aos EUA.

no que diz respeito à importância do bloco energético formado com Guiana e Brasil. Ele faz com que se crie uma independência com relação a países do Golfo Pérsico", disse o professor.

O estudioso classifica como "inteligente" a aposta dos EUA pelo petróleo e coerente com os princípios da política "America First" ("A América em primeiro lugar"). "Com isso, os preços da commodity e da energia elétrica serão mantidos mais baixos nos Estados Unidos. Isso traz um maior desenvolvimento econômico. A Venezuela não tem outra saída, que não seja negociar o petróleo com os americanos. Delcy Rodríguez entregou o poder aos EUA. Ela é uma presidente delegada por Washington para dirigir o país nos termos desejados pelos EUA", comentou Aumaitre.

Exportação

Segundo o ex-diplomata turco Imdat Oner, cientista político da Universidade Internacional da Flórida, a intenção de Trump é supervisionar a venda do petróleo venezuelano e a administração da receita proveniente do comércio. "A ideia é que a Venezuela continue a exportar petróleo bruto para os Estados Unidos, que, por sua vez, terá controle sobre o fluxo de dinheiro. Isso faz parte da estratégia de Washington para estabilizar a economia e obter influência política", disse à reportagem.

Oner destacou que o governo de Donald Trump começou a liberar o mercado petrolífero venezuelano, até então bloqueado por sanções econômicas. "A Casa Branca planeja fazer o mesmo com a produção futura, mantendo essas receitas sob controle dos Estados Unidos. Isso marca uma mudança muito brusca e bastante forte na posição do governo venezuelano. É um sinal claro de que existe um acordo entre o governo Trump e Delcy Rodríguez, a presidente interina da Venezuela", avaliou Oner, que morou na Venezuela entre 2014 e 2016.

O ex-diplomata entende que a principal questão é como o establishment militar da Venezuela reagirá a essa "normalização acelerada" na relação com os Estados Unidos. "Nem todos dentro do chavismo se sentirão cômodos com acordos tão rápidos sobre o petróleo, especialmente em tão pouco tempo depois da prisão de Maduro."